

UMA LEITURA DO ROMANCE *THE GREAT GATSBY* DE FRANZ SCOTT E OS MITOS QUE O CONSTITUEM¹

Cristiane Manzan Perine (UFU/ILEEL)²
Gabriela Morais Carrijo Quianzala (UFU/ILEEL)³

Resumo: No presente ensaio, analisamos o romance *The Great Gatsby*, de Fitzgerald, buscando revelar a amplitude das referências históricas e sociais dos mitos que o constituem. No personagem principal da história, Jay Gatsby, homem rico, galante e misterioso, temos configurado o protótipo do *self-made man*, aquele capaz de ser bem sucedido na vida por mérito próprio. Situado em uma América eufórica e próspera, o romance se torna ainda uma parábola exemplar do sonho americano, o *American dream*. Dessa forma, problematizaremos como esses mitos se entrelaçam com a trajetória do personagem neste clássico, considerado um dos grandes marcos da literatura norte-americana.

Palavras-chave: Romance. Mitos. Gatsby.

Abstract: In the present essay, we analyze the romance *The Great Gatsby*, from Fitzgerald, trying to reveal the amplitude of the historic and social references of the myths that constitute it. In the story's main character Jay Gatsby, rich, bonny and mysterious man, we have characterized the prototype of the self made man, the one who is able to be successful in life by his own merits. Taking place in an euphoric and prosperous America, the romance becomes an example of the American dream. This way, we are going to explore how these myths are interconnected to the trajectory of this classic character, which is considered one of the North American literature's greatest spots.

Keywords: romance; myths; Gatsby

O presente ensaio tem por objetivo analisar os mitos constituintes da obra *The Great Gatsby*, do escritor americano Franz Scott Fitzgerald (1896-1940). Daremos destaque aos mitos *American dream* e *Self-made man*, tomando como hipótese que ambos estão inseridos em vários momentos da narrativa. *The Great Gatsby* é um dos maiores legados da criação de Fitzgerald. Esta obra retrata bem o ambiente da década de 20 nos Estados Unidos da América (EUA), também conhecida como a “Era do Jazz”. Um período que, apesar de toda a aparência e de todo o esplendor, na verdade, escondia uma decadência por trás de toda essa grandeza. Tal período reflete a determinação dos americanos em esquecer as perdas e sofrimentos advindos da Segunda Guerra

¹ Ensaio apresentado como trabalho final para conclusão da disciplina “Literatura Norte Americana I” do curso de Letras pelo Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Endereço: Av. João Naves de Ávila, 2121. Bairro Santa Mônica. Uberlândia -MG.

² Graduada em Letras pelo Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: cristiane_manzan@hotmail.com

³ Graduada em Letras pelo Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: gabimoraescarrijo@hotmail.com

Mundial e reconstruir o país, assim como reconstruir suas vidas. Nessa fase, a América vivencia uma grande expansão econômica, a qual trouxe riqueza e um clima de euforia e, ao mesmo tempo, um período de “confusão moral”, como o romance revela.

The Great Gatsby é um romance narrado em primeira pessoa por Nick Carraway, um narrador personagem, que mora em um bangalô, ao lado da grande mansão do protagonista Jay Gatsby. O romance conta a trajetória de um homem de origem pobre que buscou sua própria ascensão social, ascensão esta motivada pela tentativa de reconquista de um antigo amor. Entretanto, apesar de se tornar um “novo rico”, esse motivo não se concretiza pelo fato de que Daisy, a amada de Gatsby, não abandona seu marido, Tom Buchanan, por mais que soubesse do seu relacionamento extraconjugal, por causa do *status* social que Sr. Buchanan a pode dar, já que este provém de uma família tradicional.

Inicialmente, é apresentada uma pequena biografia do narrador que acabara de se mudar para o *West Egg*, onde encontra Daisy – uma prima distante – casada com Tom Buchanan. Com o objetivo de se fazer notória, à sociedade, a conquista de um poder financeiro bastante privilegiado, Gatsby oferecia muitas festas; no entanto, o anfitrião era um tanto quanto misterioso, tendo em vista que seus convidados não o conheciam bem. Em uma dessas festas, houve rumores de que Gatsby havia matado um homem na guerra e, a partir daí, Nick começa a suspeitar da honestidade de seu vizinho.

Com o desenrolar dos acontecimentos, Tom desconfia do sentimento de Gatsby por sua esposa. Em um passeio, após uma discussão entre Tom, Gatsby e Daisy, Tom faz com que Gatsby e Daisy voltassem sozinhos no mesmo carro para a sua casa, enquanto ele voltava com Nick e Jordan Baker, uma possível pretendente de Nick. Nesse mesmo momento, George e Myrtle Wilson – um amigo e a amante de Tom, respectivamente – também estavam tendo uma discussão.

Myrtle corre para fora de casa e acaba sendo atropelada por Daisy, que dirigia o carro em que ela e Gatsby voltavam juntos para a casa de Tom. Myrtle morreu instantaneamente. Sabendo que sua amante morreria, Tom incita George Wilson a fazer “justiça” com suas próprias mãos, já que Gatsby havia assumido a direção do carro para proteger a amada e, assim, Sr. Wilson invade a casa de Gatsby e atira nele, se suicidando logo depois. Nick tenta encontrar pessoas para irem ao funeral de Gatsby, porém, apenas três pessoas comparecem, sendo estas o próprio Nick, o Sr. Gatz, pai do falecido, e um outro homem, desconhecido, que participou de uma das festas oferecidas.

A partir da leitura da obra, observamos que o mito do *self-made man* encontra-se presente na narrativa de modo bem claro. Esse mito tem sua base na meritocracia, isto é, na

concepção de que o homem é ser responsável pelo seu destino, e como tal, dotado de plena capacidade de se construir, de montar sua própria riqueza neste mundo. Sendo assim, o ser humano não dependeria apenas de sorte, ou de ser abençoado, mas sim de fazer sacrifícios para conquistar o que desejasse. Esse mito é muito presente até mesmo na atualidade. Os jovens americanos têm consciência de que precisam juntar sua mesada para comprar o que ambicionam e, principalmente, de que precisam trabalhar bastante e poupar dinheiro constantemente para construir sua fortuna por mérito próprio. Não se pode deixar de considerar que o referido mito exige de seus seguidores disciplina rígida, autocontrole, flexibilidade e paciência para esperar até obter sua riqueza.

Para Lehan (1990), Fitzgerald o “*self*” de Gatsby como baseado na fé em sua capacidade de crescer, suportado pelo poder da aparência e dos gestos em sociedade e, principalmente, no “*self*” enquanto processo, no senso do que a pessoa pode se tornar. Na fala de Nick a respeito de Gatsby, o personagem revela que “há algo grandioso sobre ele, alguma sensibilidade intensificada pelas promessas da vida (FITSGERALD, 2000, p. 02)⁴”. Nessa visão, a ênfase da sociedade retratada recai no “tornar-se” e no “ter” em detrimento do “ser”, na “expectativa” e não na “realidade”. O universo é visto como entidade viva e a realização do “*self*” como um processo de crescimento e conquista pessoal.

Como postula Will (2005), Gatsby “veio do nada” e agora, provoca a inveja dos que o cercam. Como descrito no romance: “Nos finais de semana, seu *Roll-Roys* se torna *omnibus*, oferecendo festas para a cidade além da meia noite (FITSGERALD, 2000, p. 35)⁵”. Sua vida é quase uma alegoria, que materializa a luta dos americanos e o sonho de seus cidadãos.

O mito *the self-made man* nos remete ao pensamento de Max Weber no que se refere à ética protestante e como essa ética marca a linha de raciocínio desse mito. Para este pensador, foi a ética protestante presente tão cedo na constituição do Estado americano que incutiu alguns valores na mentalidade da sociedade da época, como, por exemplo, o pensamento de que trabalhar arduamente e poupar economias seria uma forma de agradar a Deus e de que, como recompensa, as pessoas se tornariam ricas. Desse modo, a ideia não era gastar todo o dinheiro que ganhavam – tal qual a mentalidade capitalista presente na atualidade, que nos induz a consumir ao extremo, tanto bens necessários quanto os desnecessários –, mas poupar o dinheiro e, com isso, mostrar que não está preso ao peso dos bens materiais. Essa reflexão nos lembra da mentalidade compartilhada ainda hoje por algumas igrejas protestantes.

⁴ Tradução do original em inglês: “*There was something gorgeous about him, some heightened sensitivity to the promises of life*”.

⁵ Tradução do original em inglês: “*On weekends, his Roll-Roys became omnibus, bearing parties to and from the city midnight*”.

Max Weber estudou a conexão de sentidos que existia entre o desenvolvimento do capitalismo e a valorização do trabalho como eixo significativo da ética protestante instalada de forma notável entre os empresários e os trabalhadores na história dos EUA. De acordo com o que esse pensador defende em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, os empresários e trabalhadores agiam em nome da crença e acreditavam que o trabalho era sinal de salvação. Nessa época, o trabalho era uma relação social com relação a valores. Esse tipo de ação gerou condutas adequadas ao capitalismo. Mas este foi apenas o impulso inicial. Hoje, o capitalismo libertou-se do abrigo religioso e a busca de riquezas passou a associar-se a paixões puramente mundanas.

Em *The Great Gatsby*, observamos que aspectos da mentalidade acima mencionada se fazem presentes não somente no campo econômico, mas também na vida amorosa do protagonista Gatsby, já que o desejo de ascensão social foi objetivado por sua paixão por Daisy. Por mais que ela o amasse, não se casaria com um moço pobre, pois o *status* social interessava mais do que seu sentimento. Logo, Gatsby viu sua ascensão social como forma de ser respeitado e, assim, poder oferecer todo o luxo que Daisy almejava. Entretanto, mesmo ascendendo socialmente, Gatsby não atingiu seu principal objetivo, que era reconquistar o amor da amada.

O que o protagonista almejava de fato era poder voltar ao passado e reviver seu romance, mas como lhe adverte Nick Carraway: “O passado não se repete.” Gatsby: “O passado não se repete? - exclamou, incrédulo. - Mas é claro que se repete!”⁶. E Nick estava certo, Gatsby não poderia reviver este passado pelo fato de que, por maior que fosse a riqueza que possuísse, para Daisy ele continuaria sendo pobre, pois Gatsby era de origem humilde. Ao contrário de Gatsby, Tom Buchanan – marido de Daisy – era o responsável por todo o *glamour* que ela desfrutava e, além disso, ele poderia oferecer o *status* que Gatsby não poderia, já que Tom foi nascido em lar de riqueza.

Outro aspecto relevante é que Gatsby tem uma vida misteriosa para os outros personagens do romance. Até mesmo as pessoas que frequentam as festas que ele promovia pouco ou nada sabiam a seu respeito, só traziam mesmo grandes rumores, sendo, assim, uma figura enigmática para os outros personagens. E quando, em certa ocasião, conversa com Nick, na tentativa de se aproximar de seu vizinho, de modo a fazer amizade, e conta sua história, o que conta é uma história fictícia e não sua origem de fato. E assim ele afirma:

[...] Sou o único descendente vivo de uma abastada família do Middle West. Fui criado na América, mas educado em Oxford, porque foi aí que, durante muitos anos, todos os meus

⁶ Tradução do original em inglês: Nick: “*You can’t repeat the past.*” Gatsby: “*You can’t repeat the past?*” He cried *incredulously* “*Of course you can!*”

antepassados foram educados. É tradição na família [...]. A minha família morreu toda e eu herdei uma boa fortuna. (FITZGERALD, 2000, p. 71)

E, assim, justificava de onde viera toda sua fortuna, a qual ele gastava imensamente numa vida de conforto, já que dava muitas festas, das quais ele mesmo não participava e não gostava, mas tinha suas razões para fazer isso. Porém, o próprio Nick, ao conversar com Mr. Wolfshiem, percebe que há algo de contraditório com o que Gatsby havia lhe contado, ao que o cavalheiro lhe diz:

- É um sujeito admirável, não acha? Esbelto e um perfeito *gentleman*.
- Lá isso é.
- Andou em *Oggsford*.
- Oh!
- Frequentou o *Oggsford College*, em Inglaterra. Conhece o *Oggsford College*?
- Já ouvi falar nele.
- É uma das universidades mais famosas do mundo.
- O senhor conhece o Gatsby há muito tempo? - perguntei.
- Há vários anos - respondeu ele, com agrado. - Tive o prazer de o conhecer logo a seguir à guerra. (FITZGERALD, 2000, p. 78)

O mito do *American dream* é outro aspecto cultural marcante na narrativa. O romance enfoca a jornada dos personagens tentando alcançar o *American dream* o qual se faz perceber pela alusão à crença de que a América é a terra das oportunidades; é o lugar em que a prosperidade nos bate à porta, desde que se saiba abri-la. O referido mito pode ser entendido como uma analogia com o trecho bíblico que nos narra a história de Moisés, um homem escolhido por Deus para conduzir o povo pelo deserto com o objetivo de entrar na terra prometida, a Canaã:

Eis aqui esta terra, eu a dei diante de vós: entrai e possuí a terra que o Senhor jurou a vossos pais, Abraão, Isaque, e Jacó, que a daria a eles e à sua semente depois deles. (Dt. 1, 8)

Assim, acredita-se que a América é a terra das oportunidades, lugar onde os sonhos se tornam realidade, em paralelo com o que, na Bíblia, seria o lugar onde emana leite e mel, a terra prometida:

Portanto, desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que emana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do farezeu, e do heveu, e do jebuzeu. (Ex. 3,8)

Dessa forma, a América surge, nesse contexto, como a “nova” terra prometida. É evidente que aí temos presente forte vontade política, tendo em vista a necessidade de se atrair pessoas para a América como forma de obter mão-de-obra barata. Em decorrência disso, criar bases para que a economia pudesse se fortalecer, tanto nas colônias do norte, como nas colônias do sul, ou seja, a migração de modo geral era um dos focos relevantes. Isso, tempos depois, seria o germe do sistema capitalista. Se estabelecermos uma ponte com os dias atuais, é fácil notar que o *American dream* ainda é forte em nossa sociedade, considerando que muitos sonham em viver na América, por acreditar-se nessa possibilidade de enriquecer facilmente.

A divisão geográfica entre *East* e *West Egg* é outro fator histórico de relevância presente em *The Great Gatsby*. No romance, observamos que tanto o lado Leste quanto o lado Oeste possui marcos e valores característicos bem diferentes e isto se reflete na vida e nas atitudes dos personagens. É perceptível que *West Egg* representa um território “novo”, no qual há esperança para o desenvolvimento econômico-financeiro individual. Assim sendo, observamos que o fato de Gatsby ter se tornado um “novo rico” justifica o seu lugar no *West Egg*, pois, mesmo sem ter sua origem em uma família tradicional, Gatsby possui uma situação econômica bastante elevada.

Por outro lado, Daisy e Tom Buchanan estão justificados em viver no lado Leste, por possuírem características semelhantes às do lugar em que vivem, sendo estas personificadas em sua descrição. A esse respeito, tomemos, como exemplo, o desprezo de Daisy acerca do sentimento de Gatsby, em contrapartida ao luxo de viver com um homem que não lhe ama, mas que pode lhe dar o *status* social que ela e a sociedade como um todo tanto apreciavam. No que se refere ao *status* social, observamos que Tom e Daisy estão presos a valores estabelecidos, de que o *status* só pode ser garantido por padrões de educação e de riqueza originados por tradição, provenientes de gerações familiares antecedentes. Desse modo, de acordo com essa concepção de classe social, Gatsby, mesmo tendo se tornado um possuidor de muita riqueza material, por ter sua origem pobre, nunca poderia ser considerado uma pessoa de *status* social elevado, razão esta que faz Daisy desprezar seu sentimento.

Em se tratando particularmente de *West Egg*, observamos que este lugar está diretamente ligado aos mitos trabalhados no presente ensaio. Este diálogo com ambos os mitos pode ser observado, se consideramos que o mito do *American dream* se refere à América como um lugar cheio de oportunidades, bem como o *West Egg*, representado por Gatsby, é um lugar para os novos ricos e, acreditando no crescimento econômico-social, há a possibilidade de um pobre se tornar rico, dialogando, assim, com o mito do *self-made man*.

Ainda no que se refere à divisão Leste/ Oeste, presente no romance, é relevante ressaltar que esta não está presente de modo incoerente à realidade. Observamos que a obra é espelhada pela divisão Leste e Oeste, perceptível na realidade americana, pois, como já mencionado, cada um dos lados na narrativa possui suas características particulares que os diferenciam entre si, sendo *o East Egg* mais preso às ideias sociais tradicionais e o *West Egg* ligado a um lugar onde a prosperidade pode levar ao desenvolvimento econômico de uma pessoa, dando a ela a oportunidade de se tornar um novo rico. Em se tratando do diálogo com a realidade americana, observamos que o Centro-oeste de Nova Iorque representa o território da esperança, carregando consigo valores como: honestidade, respeito humano, idealismo, o romantismo, a fé, a ambição, espiritualidade, alguns dos quais estão personificados em Gatsby.

O romance se passa em uma época de efervescência social, principalmente por parte da juventude. As palavras de ordem eram liberdade, busca do novo, quebra de valores antigos. Diante dos olhos da sociedade, todos cultivavam uma imagem, por vezes “de fachada”, eram embutidos de valores e de respeito, mas à noite, longe de olhos dos vigias, demonstravam características opostas. Nesse sentido, o casamento de Tom e Daisy é um exemplo de relação apenas para satisfazer aspectos de valor na sociedade. Ela nutria um amor em segredo por Gatsby, o qual não se concretizou porque ele era pobre, e Tom tinha uma amante, a Sra. Myrtle Wilson. Porém, nem se cogitava a hipótese de separação por causa da situação social de Tom, já que ele era um homem de negócios, por isso, era bom que se mantivesse uma aparência de vida familiar feliz, sem transtornos e, além disso, Daisy tinha seu interesse conjugal no luxo que o casamento lhe proporcionara.

De modo geral, podemos observar que as relações sociais são permeadas por confusões e conflitos, isto é, a interação entre as personagens, por meio de suas relações sociais, provoca pontos de conflito na narrativa. A esse respeito, consideremos a relação conjugal entre Sr. e Sra. Wilson e entre Tom e Daisy. Observamos, então, que Tom não era amado por Daisy, já que esta se casou com ele em busca de ascensão social. Já com a Sra. Wilson aconteceu o oposto: o Sr. Wilson a amava, porém não lhe proporcionava o *status* social que Daisy possuía por causa de seu casamento. A partir da situação mencionada, podemos observar que Tom e Myrtle buscavam suprir algo que faltava em seus casamentos, mantendo uma relação extraconjugal, ou seja, por meio da relação que mantinham fora de seus casamentos, os referidos personagens buscavam um no outro o que “faltava” em suas relações conjugais, a saber: Tom não amava Daisy, amava Myrtle; e esta era casada com um homem pobre, que não tinha condições para oferecer todos os luxos que Tom a podia oferecer.

Por meio da análise dos aspectos investigados na obra, faz-se necessário ressaltar que as temáticas abordadas na narrativa fazem referências a situações contemporâneas à obra. Além disso, percebemos que aspectos das relações sociais explicitadas na obra estão também presentes na vida atual. Se tomarmos como exemplo o mito do *American dream*, podemos observar que a grande diferença de aceitação econômica existente entre as classes sociais revela o “fracasso” daqueles que acreditaram nesse sonho, já que a busca de um lugar propício ao fácil enriquecimento proporcionou riqueza a uns e não a todos e, na obra, é visível a discrepância existente entre a realidade de pessoas abastadas e pessoas com condições financeiras bem inferiores, como, por exemplo, Tom Buchanan e George Wilson, que mesmo trabalhando muito e honestamente fracassa.

A narrativa gira em torno de nosso personagem central, Jay Gatsby, mas os percursos criados por nossa leitura nos revelam o retrato da vida na sociedade americana, bem como nos fazem viajar pela década de 20, através deste personagem que, na terra das oportunidades, atingiu poder aquisitivo (mito do *American dream*) e conseguiu ter um nome e adquirir bens através de esforço (*self-made man*), porém não atingiu a felicidade que almejava. Assim, Fitzgerald aborda, de forma concisa e relevante, o mito do *self-made man* e do *American dream*. Trata-se da história de uma obsessão fatal, do materialismo e da determinação de Gatsby em ser bem sucedido para ter de volta o coração da mulher que ama. A vida de Gatsby foi marcada por uma grande ilusão, já que não recuperou o amor e a companhia de Daisy, e acabou perdendo a vida em nome deste amor, ou melhor dizendo, deste ideal.

Como afirma Pidgeon (2007), Fitzgerald resume a tragédia da vida do idealista Gatsby, um menino americano em busca do *American dream* sem nunca saber que, na verdade, nutre profundo idealismo, e que o mesmo não será válido. Concordamos com Pidgeon, ao refletir que queda de Gatsby representa também a queda dos mitos que o constituem.

A obra ganhou versão fílmica em 1974, em uma adaptação escrita por Francis Ford Coppola, produzida por David Merrick e dirigida por Jack Clayton. Trata-se de um romance que atrai leitores há várias gerações.



Figura 1. DVD do filme *The Great Gatsby*⁷

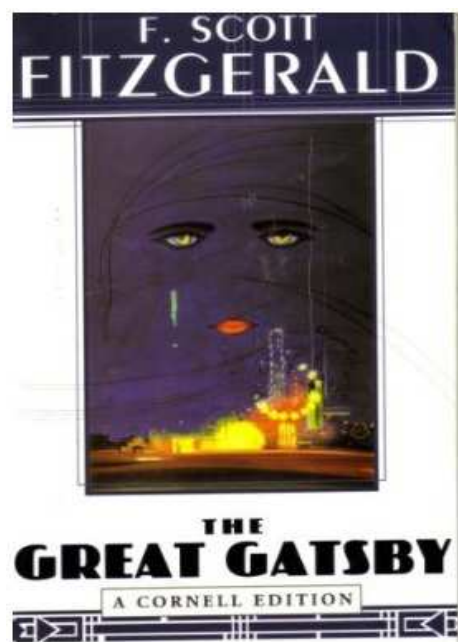


Figura 2. Capa do livro *The Great Gatsby*⁸

⁷ Imagem disponível em: <http://www.martindonovan.org/?cat=32>. Acesso em: 16 ago. 2010.

⁸ Imagem disponível em: <http://ericajonstephens.files.wordpress.com/2012/01/greatgatsby.jpg>. Acesso em: 10 out. 2010.



Figura 3. Franz Scott Fitzgerald⁹

Referências

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. Ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 2006.

OVTG. *The Great Gatsby*. Disponível em: http://www.ovtg.de/3_arbeit/englisch/gatsby/eastwest.html. Acesso em: 16 set. 2010.

FITZGERALD, Franz Scott. *The great Gatsby*. London: Penguin Books, Ed.1, 1994.

_____. *O grande Gatsby*. Tradução de Fernanda César. Edipress, 2000. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/11025715/F-Scott-Fitzgerald-o-Grande-Gatsby>>. Acesso em: 16 out. 2010.

LEHAN, Richard. *The Great Gatsby: the limits of wonder*. G.K Hall &Co, 1990.

PIDGEON, John. *The Great Gatsby*. *Modern Age*, v.49, n.2, p.178-182, 2007.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira/UNB, 1989.

WILL, Barabra. *The Great Gatsby and The Obscene World*. *College Literature*. 4th Ed. Vol. 32. p.125-144, 2005.

⁹ Imagem disponível em: http://topics.nytimes.com/topics/reference/timestopics/people/f/f_scott_fitzgerald/index.html. Acesso em: 15 nov. 2010.